

FENÔMENO LITERÁRIO
SAGA COM MAIS DE 2 MILHÕES DE LEITORES

CARMEN KORN
**FILHAS DE
UMA NOVA ERA**

A história emocionante de quatro mulheres
que enfrentam juntas as próprias batalhas



CARMEN KORN

FILHAS DE UMA NOVA ERA

A história emocionante de quatro mulheres
que enfrentam juntas as próprias batalhas



Planeta

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg, 2016

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright da tradução © Ana Maria Pinto da Silva, 2021

Todos os direitos reservados.

Título original: *Töchter einer neuen Zeit*

Preparação: Jean Xavier

Revisão: Thais Rimkus e Ligia Alves

Projeto gráfico: Anna Yue

Diagramação: Anna Yue e Francisco Lavorini

Capa: Planeta Arte & Diseño baseada na original de any.way, Barbara Hanke e Cordula Schmidt

Imagens de capa: Ullstein Bild / Getty Images

Adaptação de capa: Renata Vidal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Korn, Carmen

Filhas de uma nova era / Carmen Korn; tradução de Ana Maria Pinto da Silva. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

496 p.

ISBN 978-85-422-2250-0

Título original: *Töchter einer neuen Zeit*

1. Ficção alemã 2. Ficção histórica I. Título II. Silva, Ana Maria Pinto da

23-2414

CDD 833

Índice para catálogo sistêmico:

1. Ficção alemã



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4o andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Março de 1919

Henny levantou a cabeça e apurou o ouvido. Do quintal, chegou-lhe um som até o segundo andar, um som nostálgico, como o repique dos sinos e o canto de um melro. Vieram-lhe à memória os sábados de sua infância. Os clarões na água do balde que utilizavam para recolher a chuva. As bagas brancas das groselheiras que cresciam junto ao muro de trás do quintal. O aroma do bolo que a mãe assava aos domingos. O pai chegando do escritório e assobiando baixinho ao mesmo tempo que afrouxava a gravata e desabotoava o colarinho da camisa.

Henny aproximou-se da janela, abriu-a e escutou o som que a fizera evocar todas essas imagens: o ranger do velho balanço.

Faltava muito para o verão. O rapazinho que se encontrava empoleirado no balanço usava polainas de malha grossa e um casaco curto, o céu era cinzento, as groselheiras ainda estavam despidas. No entanto, no campo já se viam os primeiros rebentos, na orla cresciam flocos-de-neve-de-primavera, e a luz parecia mais promissora que uns dias antes. Os duros meses de inverno haviam passado e, com eles, os obscuros anos da guerra.

— Ainda de pijama, filha? E aí plantada, com o frio que está...
— Henny virou-se para a mãe, que havia entrado na cozinha e se aproximava da janela onde ela estava. — Não são nem oito horas e a senhora Lüder já deixou o pequeno vir para o quintal. — Else

Godhusen abanou a cabeça. — Anda, chispa daqui. Ainda tem água quente na chaleira, vou colocar um pouco na bacia.

O garoto desceu do balanço, e Henny o perdeu de vista. É possível que ele tenha entrado em casa pelo porão. O balanço ainda balançou durante um bom tempo. Henny afastou-se da janela e dirigiu-se à pia com a bacia esmaltada, deixou correr a água fria sobre a quente da chaleira e abriu a cortina branca de algodão, cujos bordados desfiados se arrastavam pelo chão de linóleo. As argolas da cortina deslizaram pelo varão de ferro, e o algodão branco formou um pequeno compartimento reservado no meio da cozinha.

O varão de ferro tinha sido levado pelo pai pouco depois de Henny completar doze anos. “A menina está crescendo. Não tem cabimento que a vejamos tomar banho”, dissera Heinrich Godhusen. No dia anterior, Henny tinha feito dezenove anos, e seu pai morreria havia muito tempo. Durante a guerra.

Henny tirou a camisola e pegou o sabonete de lavanda. Não era tão áspero como o que havia nos tempos de guerra, que mal continha gordura e misturava praticamente tudo, inclusive argila para fazer tijolos. Mergulhou por um instante o precioso sabonete na água e passou-o de uma das mãos para a outra, pensativa, até que um pouco de espuma se formou. Em seguida, começou a lavar-se da cabeça aos pés.

— O cheiro se espalhou pela cozinha toda — observou a mãe, orgulhosa de tê-lo oferecido.

O sabonete estava em cima da mesa juntamente com os presentes de Natal, ao pé de uma maleta de parteira velha, porém em bom estado. Else Godhusen havia sacrificado um pouco de margarina para que o couro escuro ficasse lustroso.

— Para a futura parteira — afirmou. — É ainda melhor que enfermeira. Seu pai ficaria muito orgulhoso.

Mãe e filha quiseram impedir que ele fosse para a guerra precipitada e voluntariamente aos trinta e oito anos. “Não banque o herói”, disse-lhe Else à época. Contudo, Heinrich Godhusen deixou-se

levar pelo delírio patriótico de agosto de 1914. Agitou o chapéu – não o rígido, mas o leve chapéu de palha, que com tanta alegria se movia. “Vida longa à Alemanha. Vida longa ao *kaiser*.” A banda tocava, e no cano das espingardas havia flores.

Partiu para a guerra, morreu e enterraram-no em solo polonês, na Mazóvia. O segundo batalhão do regimento de reserva já estava na Frente Oriental em setembro. “A guerra é o inferno”, escreveu Heinrich a Else. Sobre isso, entretanto, Henny nada sabia.

— Fiquei com a impressão de que Käthe estava com um bocadinho de inveja de você por causa da maleta — comentou Else Godhusen. — Vamos ver com que trapo aparece na Finkenau. Se bem que o mais estranho é que a tenham escolhido, a bem da verdade, desleixada como ela é. Logo que vi, percebi que não tinha as unhas muito limpas.

— Basta, mãe — pediu Henny, detrás da cortina.

Sua melhor amiga de infância hesitou no momento de se candidatar também a uma vaga de aprendiz. Ser parteira na Finkenau, que havia cinco anos era considerada uma das melhores maternidades do estado, parecia ambicioso demais para Käthe, que era auxiliar numa associação beneficente.

— Você a conhece desde os seis anos, mas às vezes acho que não gosta dela — disse e pegou a camisola que tinha deixado no varão.

— Pode sair nua, sem problemas. Você não devia ter vergonha de mim; além disso, na cozinha não está frio.

Henny abriu a cortina e saiu de camisola.

— Você ouviu o que falei? — perguntou Henny.

— Por acaso não fui à adega pegar a última garrafa de vinho do Reno do seu pai para bebê-lo com você e Käthe?

— Isso significa que agora você gosta dela?

A mãe de Henny fez uma pausa antes de responder:

— Gosto dela — disse, depois de algum tempo. — Mas é que você é mais elegante.



“Sua mãe tem um parafuso a menos”, havia comentado Käthe na tarde anterior, ao despedir-se de Henny à porta de sua casa. “E é melhor nem falar da teimosia dela quando o assunto é política.”

O dia do aniversário começou bem. Terminaram a garrafa de *Oppenheimer Krötenbrunnen* de 1912 e beberam um espumante que havia envelhecido demais e escurecera devido à oxidação. Brindaram a Henny e seu pai, que descansasse em paz, e depois ao futuro e às futuras parteiras. De acompanhamento, pão de cebola e pickles, que Else encontrou no meio de uns potes de vidro vazios.

— Uma vez eu e Heinrich pedimos *consommé* com folhas de ouro de verdade — contou, deleitando-se com a recordação. — Foi na ostraria Cölln’s. Seu pai não gostou das ostras que encomendamos; tinham um gosto muito forte de peixe.

— Ouro na sopa. — Käthe abanou a cabeça. — No hotel Reichshof há bolinhos franceses com cobertura de glacê cor-de-rosa e amêndoas caramelizadas que também brilham. Mas não se aceitam senhas de racionamento lá.

— Você sempre foi louca por doces. — A mãe de Henny parecia ofendida e certamente preferia ter aproveitado melhor o esplendor dos tempos anteriores à guerra. — Não entendo termos *petits-fours* quando há tão pouco tempo estávamos em guerra com os franceses. Aliás, por que você frequenta o hotel Reichshof, Käthe?

— Fiz bolo mármore de sobremesa — apressou-se a dizer Henny, de modo a levar a conversa para um terreno menos perigoso.

— Ficou pequeno. Os ingredientes não eram suficientes para a forma grande. Käthe vai se acabar com esse bolo.

— Nesse caso, é melhor nem tocarmos nele — retorquiu Käthe. — Chega a ser pecado.

Talvez o espumante não tenha caído bem para Else Godhusen. Henny estava disposta a culpar a bebida pelo fato de a mãe ter começado a cantar esta canção:

Não se apoderarão dele, do Reno livre e alemão.

*Ainda que o reclamem aos gritos como corvos gananciosos.**

— A guerra foi um ato criminoso — replicou Käthe, após o segundo verso. — Prejudicou todos os países. Além do mais, o *kaiser* é um patife desavergonhado.

— Também houve atos de grande valentia, então me poupe de discursos comunistas aqui na minha cozinha, Käthe.

Assim, a tarde acabou mal.

Depois, quando Käthe percorreu os poucos passos que a separavam de sua casa, na Humboldtstraße, onde vivia sozinha com os pais desde que os irmãos mais novos morreram, Henny permitiu-se por um momento sonhar que tinha um quarto só seu. Um quarto onde a mãe não estivesse sempre presente.



Käthe e ela haviam crescido vizinhas. Os pais de Henny se mudaram para o edifício de quatro andares da esquina, no bairro de Uhlenhorst, na zona leste, perto de Barmbeck, pouco antes de Henny começar a frequentar a escola. Henny viu a menina de cabelo negro com tranças e um avental no primeiro dia de aula. Tal como ela, Käthe carregava um saco de papel com guloseimas que os pais lhes haviam oferecido nesse dia tão importante. Da pasta saía o pano com que limpariam a lousa, o qual ondulava ao vento, assim como as tranças esvoaçavam. Tranças negras, tranças louras. Era um dia de tempestade.

— Olha só como ela usa o avental mal amarrado — comentou Else Godhusen. Naquela época, ela já tinha esse olhar crítico e essa atitude tão pouco complacente para com os outros.

* “*Sie sollen ihn nicht haben, den freien deutschen Rhein./ Ob sie wie gier’ge Raben sich heiser danach schrein.*” Canção patriótica e nacionalista de 1840 dirigida contra os franceses. (N. T.)

No dia anterior, antes de ir para a cama, a mãe ainda cantou a plenos pulmões mais três longas estrofes da malfadada canção, para profundo desgosto de Henny, que foi atormentada em sonhos pelo último verso: “*Até as últimas águas terem sepultado os restos mortais do último homem*”.

Perseguiu-a sem piedade, e apenas o ranger do balanço conseguiu calá-la de uma vez por todas.

Henny vestiu o terno de lã cinza-pérola que Else havia feito a partir de um que era do pai e a blusa branca enfeitada; por último, amarrou o cadarço das botas.

— Ficou chique — aprovou Else. — Aproveite a liberdade, mas ao meio-dia quero você de volta em casa.

Henny beijou a mãe rapidamente e fechou a porta ao sair. Já na rua, parou, olhou para o segundo andar e despediu-se com um aceno de mão; a mãe, como sempre, estava debruçada na janela. Depois, agachou-se e voltou a amarrar o cadarço de uma das botas pretas.

Tinha visto na vitrine da Salamander uns sapatos de salto de camurça. Talvez se desse a esse luxo quando começasse a trabalhar na Finkenau, para começar com o pé direito a nova etapa da vida. Longe da mãe.

— E começa tudo de novo — disse Käthe na tarde anterior, erguendo o punho enquanto Henny a seguia com o olhar desde a porta.

Desde pequenas tinham de dar seis a oito grandes saltos para ir da casa de Henny, na esquina da Schubertstraße, à de Käthe, na Humboldtstraße, que ficava bem em frente. Käthe era a que mais saltava.

Um quarto próprio. Uma porta que fechava a chave. Poderia pagá-lo com seu salário de enfermeira, mas a mãe não queria que ela saísse de casa, e o simples fato de abandonar o quarto dos pais constituiu uma prova de fogo, porque desde que a guerra eclodira ela dormia no lado da cama que o pai costumava ocupar, não mais na cama dobrável de quando era pequena.

Henny ocupou a imaculada salinha reservada às ocasiões especiais e instalou-se no sofá, até que a mãe acabou permitindo que

ela fosse buscar a cama dobrável no sótão para colocar naquele ambiente. Isso tinha sido no inverno anterior, e desde então a chave da porta desaparecera.

De manhã, quando ouviu o balanço, foi tomada por outra recordação: a abelha morta que encontrara certa vez no quintal. A pequena Henny surpreendeu-se com o fato de as abelhas morrerem no verão. O pai pegou o inseto e, depois de acomodá-lo em sua grande mão, levou-o para o campo a fim de enterrá-lo.

Seu bondoso pai, que se deixou arrastar pela loucura daquela guerra. “*Castelo forte é nosso Deus*”, cantava enquanto fazia a barba diante do espelho no último dia que passou em casa. Muita era a saudade que a filha sentia dele.



— Você terá de lavar muito bem as mãos se for parteira — advertiu Karl Laboe, olhando para a filha, que estava de costas.

— Não se preocupe — respondeu Käthe, que pegou água e molhou o rosto. O resto deixaria para mais tarde, quando o pai não estivesse presente.

— Pois eu diria que isso é um banho de gato.

— Prefiro ir à piscina a aguentar seus olhares.

— Muito cuidado com essa língua, Käthe. Você ainda mora sob meu teto, e não me parece que as coisas vão mudar enquanto ainda for estudante.

Karl Laboe apoiou as mãos sobre a mesa da cozinha e levantou-se da poltrona. Tinha uma perna que não se movia desde o acidente que sofrera no estaleiro, e fora essa perna paralisada que o livrara de ir para a guerra. Se bem que a vida ali, ao comando do lar, também não era algo que lhe agradava, uma vez que não tinha abundância de comida e duas mulheres dependiam dele.

— Sua mãe hoje vai chegar tarde. Arrumaram um lugar novo, a casa de uns ricos da Fährstraße. Agora ela também fará limpezas lá.

— Eu já sabia. E agora vai, sai daqui depressa.

— Seu pai não é um trem expresso — respondeu Karl Laboe, pegando na bengala que estava encostada à mesa.

Käthe soltou um suspiro de alívio quando finalmente ouviu a porta se fechar. Se fosse trabalhar na fábrica, poderia se tornar independente mais cedo. Na clínica, passaria dois anos como aprendiz, o que soava como uma eternidade. No entanto, era indiferente, Henny tinha razão. Quando ela se atreveria a fazer alguma coisa senão agora, aos dezenove anos? Mas por que o pai se opunha assim a que ela, a única filha que lhe restava, fosse alguém na vida?

Despiu a combinação e continuou a lavar-se. A água da bacia havia esfriado, e o sabão era áspero como uma pedra-pomes.

— Fico contente por você querer ser alguém na vida — afirmou Rudi, o rapaz que havia conhecido em janeiro na Juventude Socialista.

Rudi, de cabelos castanhos encaracolados, trabalhava como aprendiz de tipógrafo no *Hamburger Echo*. Era seis meses mais novo e sempre lia poesia para ela. Bom, nem sempre. Mas, durante os dois meses que se passaram desde janeiro, foram ao menos quatro poemas. Podia ser que naquele dia lesse um quinto enquanto ela comia um bolinho no café do hotel Reichshof. Ainda não tinha perguntado a Rudi onde ele conseguia dinheiro para se permitir tal extravagância.



Lina pegou no guarda-roupa o lençol grande, o que tinha bordadas as iniciais da mãe. Era uma das poucas coisas boas que não haviam levado para o mercado clandestino, e, no entanto, isso não fora suficiente para salvá-los durante o mísero inverno dos nabos. O pai morrera em 1916, dois dias antes do Natal, e a mãe, em janeiro. Na certidão de óbito, o velho médico de família registrou “insuficiência cardíaca”, o que era um grande eufemismo. O desespero de Lud, seu irmão, que a essa altura tinha acabado de completar quinze

anos; a primeira certeza, a princípio reprimida, de que os pais tinham morrido de fome para garantir que os filhos sobrevivessem.

Os Peters tentaram por muitos anos ter filhos e já passavam dos quarenta quando Lina veio ao mundo, em 1899. Dois anos depois, nasceu Lud. Tanto o pai como a mãe amavam os filhos acima de tudo e se sacrificaram por eles – ideia que era difícil de suportar. Lud, inclusive, sofria muito mais que a irmã, se é que isso era possível.

Lina sacudiu os ombros, como se assim pudesse se livrar desses pensamentos, e abriu a porta do quartinho próximo à cozinha, onde o irmão, que era um habilidoso faz-tudo, havia instalado um chuveiro. Talvez tivesse sido melhor que ele desempenhasse um trabalho manual em vez de se ter tornado aprendiz na área do comércio. Lud queria trabalhar como comerciante, tal qual o pai. Tanto esforço para preservar algo... Que sentido fazia? Eram águas passadas.

Despiu-se, colocou a roupa em cima do banquinho e entrou no chuveiro. A princípio só saíam umas poucas gotas de água. Lud havia feito uma junção com o encanamento da cozinha, que ficava na divisa com o que um dia fora a despensa. Não era a solução ideal, mas era muito melhor que lavar-se apenas por cima e por baixo na pia; além disso, havia muito tempo já não tinham nada para guardar. A pouca comida cabia no armário da cozinha e no parapeito da janela.

O sabão arranhava, mas começou a sair um jato de água. Com a pele irritada, Lina lavou-se e enxugou-se até ficar avermelhada. Reparou na roupa. Era absurdo usar espartilho quando suas costas estavam aparentes. Era mais que suficiente apertar o cinto do vestido folgado.

No segundo verão da guerra, o professor de desenho incentivou as alunas a não se sentirem obrigadas a usar essas peças de roupa apertadas com as quais nem sequer conseguiam andar. Pronunciou a palavra “*barbatana*” como se fosse imoral. Era admirador de Alfred Lichtwark, célebre historiador de arte, e partidário da pedagogia reformista, e Lina, que tinha dezesseis anos, estava

perdidamente apaixonada por ele. Depois ficou sabendo que havia morrido na França, o país onde ansiava viver.

Dele ficaram a ideia do que poderia significar amar um homem e a intenção de ser professora para mudar algumas coisas nas escolas do estado. Será que era uma ousadia pensar que a pedagogia obsoleta tinha sua parcela de culpa naquela guerra horrorosa, já que havia formado um exército de pessoas subjugadas?

Inclusive, nos últimos dias do conflito, Lina teve medo de recrutarem seu irmão. No entanto, o aprendiz de comerciante da Nagel & Kämp, fabricante de guindastes de barcos e de porto, livrou-se de ir para a guerra. Lina havia prometido à mãe que cuidaria dele – e pelo menos isso conseguira fazer.

Pôs o vestido e levou o espartilho para a cozinha. Embora a faca afiada não tivesse nada para cortar havia bastante tempo, deslizou pelo espartilho como se fosse manteiga. Lina quase sentiu prazer ao fazê-lo, ao mesmo tempo que se lembrava do professor de desenho.

Ida deu um grito. Até ela tinha consciência da irritação que sua voz deixava transparecer; dispôs-se a gritar de novo, com uma voz rouca. Será que Mia enfim responderia? Aquela garota era estúpida. Agora que saía água quente da torneira, nenhum dos criados descia ao porão para buscar carvão a fim de acender a lareira, e ali estava ela, esperando uma eternidade para tomar banho.

Contemplou os dedos rosados dos pés, que espreitavam pelo macio e longo roupão de banho felpudo, e as unhas brilhantes. Tinha dezessete anos, e tudo em sua vida era cor-de-rosa.

A guerra era uma chatice. Não se podia comer o que desejasse, e havia pouco tempo também tinham ficado sem os requintados tecidos para confeccionar vestidos que vinham de Paris e Londres. Sabia de pessoas cujos filhos haviam falecido, mas, tirando isso, eles não conheceram grandes sofrimentos, tampouco passaram fome. Os Bunge tinham os melhores padrinhos.

Friedrich Campmann, que havia se tornado banqueiro em Berenberg, escapou de forma decorosa da guerra. O pai de Ida veria com

bons olhos que se mostrasse benevolente com suas investidas. Mas aquele rapaz significava alguma coisa para ela?

Ida descartou o pensamento com um ligeiro movimento de cabeça, ainda que ninguém a observasse. Ou talvez sim. A estúpida entrou nesse momento e ficou ali, imóvel, olhando para ela.

— Estou esperando você preparar meu banho — disse Ida. — Com a água bem morna. E sem economizar no óleo.

— Não pode prepará-lo você mesma? Tenho muita coisa para fazer.

Ida Bunge inspirou fundo. Desde os dias da Revolução, aquela gente tinha ficado despeitada demais. Aquela ralé toda. Bastaria estalar os dedos que sua *maman* despediria essa tal Mia. Pelo visto, a estúpida deve ter pensado a mesma coisa, porque fez um ligeiro movimento de reverência, correu para as torneiras e debruçou-se sobre a água, que corria fumegante na banheira.

— Na verdade, deixe — decidiu Ida. — Vá fazer o que tem para fazer. Já está parecendo um tomate. A propósito, como você faz para ter tanta energia? Por acaso vocês têm estoque de comida?

Mia parecia bastante constrangida. Voltou a fazer o movimento de reverência e retirou-se. Quantos anos teria? Com certeza não era mais velha que ela.

Ida fechou a torneira da água quente e acrescentou um pouco da fria. Com água quente a pele envelhecia mais cedo, dizia *maman*. Ida pegou o frasquinho de óleo de abeto e colocou uma boa quantidade na banheira. Fechou a porta antes de tirar o roupão e contemplar-se um longo momento ao espelho. O que viu pareceu-lhe bom demais para Campmann, que não podia ser mais intransigente, ainda que o pai projetasse um grande futuro para ele. A menina Bunge despertou do devaneio e entrou na água verde-escura, que cheirava como dois hectares de bosque.

Ficou muito tempo imersa, pensando em como seria tomar as rédeas de sua vida. Esse pensamento a enchia de satisfação e talvez a salvasse do terrível tédio que sentia.



Henny permaneceu um bom tempo sob o toldo da Salamander, que ficava na Jungfernstieg, olhando a vitrine. Os sapatos com que sonhava havia semanas já não estavam expostos, e os que restaram era ainda mais caros. Pensou em entrar para perguntar pelos de salto cor de vinho em camurça macia, mas talvez fosse melhor guardar o dinheiro para se permitir umas pequenas liberdades.

A primavera acabava de começar, e ela já esperava com impaciência pelo verão. Por estar tão perto do lago Alster, seria possível se divertir bastante caso tivesse algum dinheiro: andar de barco com sua amiga Käthe, nadar na piscina ao ar livre próxima ao parque Schwanenwik. O último verão em que havia sido feliz, ela tinha treze anos. O seguinte trouxe consigo o medo da paz.

Pouco depois de terminar o período como aprendiz no hospital Lohmühlen, foi transferida para o hospital militar, que ficava no edifício da escola para cegos, no número quarenta e dois da Finkenaustraße.

Henny se lembrava do dia em que as enfermeiras acompanharam os soldados feridos que podiam andar para tirar uma fotografia de grupo na parte externa. Poucos haviam vestido a farda, e a maioria usava a roupa branca do hospital com a boina dos soldados rasos.

Henny ficou atrás do fotógrafo e olhou para além do grupo, com a maternidade do outro lado da rua, de onde uma senhora acabava de sair pelo portão que dava para a Finkenau com um pacotinho nos braços.

Naquele exato momento, Henny soube que era ali o seu lugar. Não queria ser enfermeira, e sim parteira. Ansiava profundamente por uma nova vida, pois no hospital militar já vira todos os dias muita dor e sofrimento.

Depois, em novembro do ano anterior, a guerra finalmente terminou e ela candidatou-se a uma vaga de aprendiz na Finkenau. A mãe a apoiou, mesmo que em casa seu salário fizesse bastante falta.

Henny teve de esperar passarem carruagens e charretes, além de duas carroças, para atravessar a Jungfernstieg e chegar ao Alster. As pequenas árvores que ornamentavam esse lado da rua exibiam as

primeiras folhas verdes, o céu cinzento havia desanuviado e agora também era azul, e na copa das árvores chilreavam os pardais.

Dar um passeio, comer o ensopado de Else, ir à casa de Kätthe ver como passava um de seus últimos dias livres. Mas Kätthe não lhe tinha dito que se encontraria com Rudi na hora do almoço?

Henny tinha muita vontade de conhecê-lo. Dava a impressão de que a amiga gostava bastante daquele jovem que conhecera em janeiro. Ela passava muito tempo imaginando seu príncipe encantado, ainda que se apaixonar fosse algo pendente em sua lista de desejos.



O *petit-four* que Kätthe escolheu era branco com pérolas prateadas; ela com certeza teria ficado feliz em pedir mais um, daqueles verde-limão decorados com pequenas violetas de açúcar, mas teve a sensação de que Rudi estava ficando nervoso, talvez não tivesse levado dinheiro suficiente no bolso.

Sentaram-se debaixo de um dos grandes lustres que banhavam de luz o café do Reichshof. Como era bom estar do lado esplendoroso da vida, com um pequeno garfo na mão. No entanto, Kätthe o deixou de lado, pegou uma bolinha coberta de glacê e colocou na língua para prolongar o prazer.

Rudi tomou um gole de chá e colocou a mão no bolso do blazer. O poema para acompanhar o bolinho. Kätthe tentou demonstrar interesse, mas os versos se perderam no ar, e ela começou a pensar em sua mãe, que naquele dia tinha começado a trabalhar numa mansão. Não era Anna quem sustentava a família? E não o seria mais agora, sem o dinheiro que Kätthe antes lhe entregava? O pai tinha trinta e quatro anos quando sofreu o acidente no estaleiro, e a pensão de invalidez era insuficiente.

E ali estava ela, sentada com Rudi sob aqueles lustres. Dois jovens cujas simpatias pendiam para a esquerda e que, não obstante, gostavam do luxo. Não era contraditório?

Se bem que Rudi gostava mais ainda da poesia que do luxo. Sua maneira de se debruçar sobre o papel, com um cacho caindo sobre o rosto, o gesto com que o afastava da testa. Tinha as mãos compridas e finas. Rudi era o jovem mais atraente que havia conhecido na vida. Kätke teria gostado de beijá-lo com a doçura da pequena pérola de açúcar na língua.

Com todos esses pensamentos na cabeça, ela se esqueceu de comer o bolinho devagar. Quando se deu conta, já tinha acabado. Assim como o poema.

Rudi dobrou o papel e guardou. Ao ver o prato de Kätke vazio, lamentou não poder comprar-lhe outro bolinho. Pegou-lhe a mão, depositou-lhe uma última pérola de açúcar que havia caído e beijou a mão e a pérola.



Sentado na penumbra de seu escritório, o pai de Ida ocupava-se de seus negócios e, muito em particular, da borracha da Amazônia.

No mercado não se encontrava borracha. Durante a guerra, haviam confiscado até as rodas das bicicletas para suprir as necessidades do exército, uma vez que o material sintético era cada vez mais raro. Também já não havia rodas de bicicleta, e ele continuava sem poder guardar sua excelente borracha brasileira.

O bloqueio dos portos alemães ainda não havia sido levantado, e a globalização que havia enriquecido os comerciantes de Hamburgo já acabara. O que a Alemanha se tornou? O *kaiser* vai-se embora, e Albert Ballin suicida-se com veneno nesse mesmo dia ao ver destruída a obra de sua vida. Claro que, para o *kaiser*, eles não passavam de mercadores insignificantes. Ninguém estava à altura de sua majestade, provavelmente nem mesmo Ballin. O que foi que ele disse no início, o grande armador que transformou a Hapag na transportadora marítima mais importante do mundo e levou todos a países longínquos?

“A guerra é uma necessidade que explode.”

Não podia confidenciar à esposa, Netty, que era da mesma opinião. Ela chorava a perda do *kaiser*; ele não. Ele só sentia saudade dos velhos tempos, de quando era fácil ganhar dinheiro.

Agora Netty havia contratado outra criada e uma diarista, porque, ao que parecia, as outras duas empregadas não davam conta do recado. Carl Christian Bunge abanou a cabeça. Uma cozinheira, duas criadas, uma diarista e um jardineiro. O motorista não contava, pois era indispensável. Ou por acaso ele teria que conduzir o *Adler*?

Ida tinha de se apaixonar por Campmann, que exalava sucesso e dinheiro; para isso Bunge tinha faro. Desse modo, sua exigente filhinha seria sustentada e ele só teria de tratar Netty como rainha. Ela era uma esposa encantadora, mas tinha cérebro de minhoca. Embora as minhocas também tivessem sua graça.

A filha era farinha de outro saco. Contava com uma inteligência viva, muito viva. Contudo, desde que terminara a formação no estabelecimento da menina Steenbock, Ida não fez mais nada. Não tinha nenhuma motivação e era mimada. Muito mimada. Se bem que ele também tinha sua parcela de culpa nisso.

Talvez devesse procurar outra fonte de renda. Seu amigo Kiep, por exemplo, agora se dedicava a comprar e vender bebidas alcoólicas. Era algo em que pensar. Mais cedo ou mais tarde, os franceses voltariam a estar na berlinda.

Sendo assim, precisavam jantar juntos, Kiep e ele. Já fazia algum tempo desde a última vez; nessa oportunidade, almoçaram no hotel Atlantic e beberam uma garrafa de *Feist-Feldgrau* – mesmo que, para ser franco, não lhe agradassem os espumantes. Os Feist, da região do Reno, eram patriotas judeus, como Ballin havia sido. Uma pena.



Sua mulher, Netty, a minhoca, que havia sido batizada Antoinette, azucrinava a nova empregada. Teria ela se equivocado com a tal

senhora Laboe? Era a segunda vez que deixava passar umas manchas no chão – desta vez, no piso da estufa.

Netty Bunge apontou para um canto onde vistosos ornamentos alegravam os mosaicos brancos e pretos. Junto a um vaso com uma palmeira, uma mancha visível; era como se alguém tivesse deixado ali um frasco de geleia de cereja, marcando uns círculos grudentos.

— Espero que preste mais atenção. Não vai durar muito aqui se cometer esse tipo de descuido — advertiu, com a voz tão carregada de recriminação como o dedo indicador que apontava para o canto.

Anna Laboe seria capaz de jurar que não havia mancha quando limpou a estufa, quinze minutos antes. Contudo, não a haviam contratado para protestar. Só se permitiu soltar um suspiro quando a patroa saiu. Bastava um dia de trabalho na casa dos Bunge para partilhar da opinião de Käthe, apesar de a filha ter demonstrado tendências muito esquerdistas até mesmo para os padrões de Karl, que continuava a acreditar em seus social-democratas, embora estes não tivessem demorado a curvar-se ante o *kaiser* e a pátria.

Que resultado obteriam nas eleições? A filha revoltava-se por ainda não poder votar agora que as mulheres poderiam fazê-lo. Por sua vez, Anna Laboe não se privaria de votar no colégio eleitoral com Karl. Além disso, de braço dado com o marido, seria para este mais fácil voltar para casa depois.

Ajoelhou-se no piso e limpou a mancha vermelha sem ser capaz de explicar aquela gosma, que sem dúvida lhe teria chamado a atenção. Geleia com certeza não era.



Horas mais tarde, estava sentada à mesa da cozinha, sem tirar o casaco nem o pequeno chapéu liso. Diante de si tinha dois sacos de papel, de onde saíram rolando umas tristes batatas e umas cebolas que Anna Laboe contemplou com fadiga, como se não soubesse o que fazer com elas. Em pouco tempo seria hora de jantar.

— O escritório do patrão é de um tom inquietante que dá a impressão de que uma pessoa vai morrer afogada num lago profundo do bosque — comentou, sem se virar para Kätthe, que havia entrado na cozinha e aumentado a intensidade da luz do candeeiro a gás. — A serapilheira verde-escura das paredes parece lama. E, além do mais, há vasos com fetos em pedestais. Mia diz que é elegante. É uma das criadas, também nova. Limpa o pó e lustra os móveis. Quanto a mim, nem me deixam chegar perto deles. Só entrei no escritório porque caiu um vaso e estava tudo encharcado. Contrata-ram-me para isso, para os pisos e os vasos sanitários, e também para a banheira, na qual a menina passa horas a fio.

Kätthe olhou para o relógio da cozinha: seis horas. E nem sinal do pai. Era capaz de se enfiar nos bares, inclusive em plena luz do dia.

— Você ficou dez horas nessa casa? — perguntou.

— Fui à galeria Heilbuth comprar um avental. Achei que estava pouco apresentável. E depois fui à mercearia comprar batata.

— O lago de um bosque — repetiu Kätthe, embora ainda estivesse pensando na banheira em que a menina ficava de molho. — Todos os quartos são assim? Com lama e fetos?

— Só o escritório do patrão. A cozinheira diz que, antes da guerra, ele fez fortuna com a borracha na América do Sul. Provavelmente se apegou ao verde lá. Por acaso você sabe onde seu pai está?

— Não o vejo desde manhã, mas também não parei muito em casa — respondeu Kätthe.

— Espero que não tenha voltado a se embriagar. Ainda não superou a morte dos pequenos. E, para piorar, tem a questão da perna.

— E como foi que a senhora superou? — perguntou-lhe a filha. Anna Laboe agitou a mão sem forças.

— Fico contente de você ter conseguido entrar na maternidade. Quero que saiba disso, Kätthe, mesmo que para você signifique continuar a suportar esta miséria.

— A senhora viu como a menina tomava banho?

— Dei uma olhada rápida, mas estava coberta de linho branco do pescoço aos tornozelos. Chama-se Ida.

— Para além disso, o que faz uma menina rica?

A mãe encolheu os ombros.

— E você, onde esteve o dia inteiro? Foi se encontrar com aquele rapaz? Não é muito novo para você?

— Temos a mesma idade. Eu sou de janeiro e ele é de julho.

— O mais importante é que seja um bom rapaz — afirmou Anna Laboe.

Käthe sentou-se numa cadeira e começou a acariciar as mãos da mãe. Esqueceu-se de tirar o casaco.



— Posso saber o que se passa aqui? — perguntou Karl Laboe. — As duas sentadas ainda de casaco e cara sonsa e o jantar por fazer.

— Você está cheirando a bebida — retorquiu Käthe, com aspereza.

— Isso não é da sua conta.

— Não discutam — pediu a mãe, levantando-se para tirar duas facas da gaveta. Colocou uma diante de Käthe.

— Tirem os casacos de uma vez — disse Karl Laboe, acomodando-se numa das cadeiras da cozinha. — Ou, ainda, por que você não pega a caneca e vai buscar cerveja, Käthe? Para comemorar o fato de sua mãe ter conseguido um emprego nessa casa de gente rica.

— O senhor já bebeu o bastante por hoje — respondeu Käthe, ajudando a mãe a tirar o casaco e levando-o para o corredor.

— E então? Como foi com os ricos, Annsche? — ouviu o pai perguntar.

“Annsche”, diminutivo carinhoso que fazia tanto tempo não ouvia da boca dele. A segunda surpresa apanhou-a quando entrou de novo na cozinha: Karl Laboe pegara uma das facas para descascar batatas.

— As batatas não se cozinham sozinhas — comentou.



Rudi Odefey era de opinião de que o desleixo que a mãe de Henny atribuía a Käthe era sensual, e ele gostava muito disso. Se havia alguma coisa em Käthe que o incomodava era não compartilhar de seu amor pelas palavras.

Tinha lido para ela um poema de Anna Akhmatova: “Todos envelhecemos cem anos. E em apenas uma hora. O verão dá lugar ao outono nos campos. A terra, aberta pelo arado, fumeja”.

Käthe não demonstrou emoção diante as palavras; limitou-se a dar conta do bolinho com as pérolas de açúcar prateadas, que uma vez mais lhe havia custado uma fortuna.

— O título do poema é “1º de agosto de 1914” — informou. — Mas só foi escrito em 1916. A poeta é de São Petersburgo.

Käthe assentiu e lambeu os lábios na esperança de desfrutar de mais outra guloseima. Apesar disso, Rudi gostava dela como de mais ninguém, exceto, talvez, sua mãe, que infelizmente também não compartilhava de seu amor pela poesia.

Rudi sacudiu os cachos escuros, que eram bem compridos para o gosto do velho Hansen, com quem aprendia o ofício de tipógrafo. No entanto, este costumava morrer de rir com as coisas que lhe desagradavam. Na imprensa, ouviam-se muitas gargalhadas.

O *Hamburger Echo* era um dos porta-vozes da classe operária da cidade, ainda que no início da guerra tivesse mudado de orientação política, bajulando o *kaiser* e a pátria. Mesmo assim, Rudi não teria encontrado lugar melhor para se formar: ali estava muito próximo das palavras.

De quem havia herdado aquela paixão? Não da mãe, disso ele tinha certeza. Talvez do homem cujo alfinete de gravata dourado ele levava agora à loja de penhores para conseguir mais dinheiro. Já havia penhorado a corrente do relógio. Tinha esperança de um dia resgatar essas peças herdadas que a mãe lhe dera no dia em que fizera a crisma.

O pai havia desaparecido antes mesmo de ele nascer. Uma única fotografia mostrava um homem jovem de ar decente, com chapéu

e sobretudo, diante de uma paisagem alpina pintada num estúdio fotográfico.

Ainda criança, descobrira que era filho ilegítimo, pois costumava revirar a gaveta em que a mãe guardava os documentos e lia tudo o que encontrava. Não havia muito mais para ler. O único livro que havia em casa era *A canção da minha vida*, de Rudolf Herzog, que aos dez anos o garoto já sabia de cor.

— Depois, o casamento não se realizou — disse-lhe a mãe, depositando em sua mão a cigarreira com a corrente do relógio, o alfinete de gravata e a fotografia, sem revelar se o noivo tinha morrido.

Ele a viu tão transtornada que teria sido cruel pressioná-la para saber a verdade. E o assunto morreu ali. Nunca mais voltaram a falar sobre ele.

Rudi subiu os degraus gastos da escada de madeira, parou diante de uma porta com vidros decorados no primeiro andar e tirou o saquinho de feltro do bolso do blazer. No alfinete de gravata não havia muito ouro, de maneira que depositou as esperanças na grande pérola que o adornava, mesmo que provavelmente fosse de cera.

Confiava no velho prestamista. Pela corrente do relógio dera-lhe mais que esperava obter. Com isso, não só financiava os bolinhos de Käthe como havia comprado para a mãe um xale de algodão verdadeiro e, para ele, um volume de poesia de Heinrich Heine.

Atrás do balcão, o idoso assentou a lupa no olho e examinou o que Rudi havia herdado desse pai que não conhecera.

— Um alfinete de latão banhado a ouro com uma pérola do Oriente. Materiais assombrosos para combinar. Onde foi que encontrou a peça?

— É herdada — replicou Rudi —, assim como a corrente do relógio que lhe trouxe. — Talvez fosse boa ideia recordar-lhe que mantinham uma frutífera relação comercial havia algum tempo.

— Antes da guerra, em Hamburgo havia alguns receptadores que gostavam de transformar os objetos roubados.

Rudi ficou vermelho como um tomate. O pai, receptador?

— Minha mãe herdou esta joia há dezenove anos — assegurou o rapaz, com firmeza.

O velho fitou-o.

— Não desconfio de você, meu jovem. Em meu ofício, é absolutamente imprescindível conhecer bem as joias e também as pessoas.

Rudi fitou a nota que o velho havia colocado em cima do balcão – vinte *reichsmarks*. Também desta vez era mais do que esperava. Talvez conseguisse manter Käthe afastada do Reichshof e pudesse tentá-la com a pastelaria Mordhorst, que oferecia pasteizinhos de massa folhada às escondidas e sem senhas de racionamento. Imaginou a quantidade de pasteizinhos que Käthe comeria nesse lugar em vez de um único bolinho francês.

E isso sendo uma garota muito magra. Durante um instante, suas ideias perderam-se na recordação dos pequenos seios de Käthe, que ela o deixava acariciar. Não desperdiçava o tempo com ninharias.

— Aceita os vinte?

Rudi corou pela segunda vez. Assentiu e estendeu a mão para pegar a nota. Dizia, assim, adeus aos tesouros da linhagem dos Odefey.



Foi acometido por uma recordação: a mãe lhe dando colheradas de óleo de fígado de bacalhau. Sabia que era péssimo; no entanto, revivia uma sensação de bem-estar, e, para ele, a colher cheia do óleo gordurento era, havia muito tempo, um símbolo de amor e segurança.

Lud Peters ansiava voltar a ter uma família – pai, mãe, filhos – como a que tivera até pouco mais de dois anos antes. A irmã, Lina, não constituiria a própria família quando terminasse o curso de professora. Isso era algo que lhe estava vedado, como se fosse ingressar num convento. As professoras não podiam se casar e, caso se opusessem a essa condição, perdiam o direito ao emprego e à reforma. Lud abanou a cabeça só de pensar nisso.

Ou seja, aumentar a família Peters dependia dele. O único parente próximo ainda vivo era uma irmã do pai, já de idade avançada e que passava a velhice num convento em Lübeck. Mas onde encontraria mulher que o amasse e que estivesse disposta a constituir família com ele? Lina não o levava a sério quando lhe expôs essa preocupação e o relembrou dos dezessete anos que ainda tinha. Mas não era verdade que os pais começaram muito tarde e por isso esgotaram suas forças antes do tempo?

Lud contemplou o canal Osterbeck, cujas águas captavam os últimos raios de sol vespertinos. Por fim, respirava-se a primavera. Do outro lado do canal, erguia-se a fábrica da Nagel & Kämp, onde uma vez mais tinha voltado a desperdiçar um dia de sua vida. Talvez Lina tivesse razão e o comércio não fosse para ele; mas, se queria ter mulher e filhos, precisava aguentar e construir uns alicerces sólidos.

Passou diante da fábrica de gás e entrou no bairro de Barmbeck. Ainda não tinha vontade de ir para casa, mesmo que Lina estivesse à espera com o jantar pronto. Exasperava-o: ela zombava de suas aspirações e queria convencê-lo de que não tinha culpa do que havia acontecido.

Mas como ele pudera comer o que a mãe e o pai lhe punham no prato todos os dias sem se dar conta de que morriam de fome por Lina e por ele?

Foi até a Alten Schützenhofstraße e veio-lhe à mente a tarde em que, naquela esquina, de mãos dadas com o pai, havia visto como arrancavam um guarda a pancadas de uma taberna. Uma de suas primeiras recordações era sentir-se seguro agarrado à mão do pai e ver o guarda como um homem ridículo.

Mais à frente avistou um casal jovem que vinha em sua direção, de frente. A moça comia um pastel de massa folhada e mesmo assim conseguia beijar o jovem, que depois passava a língua pelos lábios. Será que o fazia para saborear o beijo ou apenas a doçura pegajosa do pastelzinho? Um pastelzinho de massa folhada. Onde seriam vendidos? Lina gostava deles, comia-os com gosto antes da guerra. Esteve quase a fazer das tripas coração e perguntar ao

casalzinho onde tinham comprado o quitute. Mas de repente sentiu frio e começou a caminhar a passos largos para fugir do frio e da solidão, então começou a correr até se ver defronte da casa paterna, na Canalstraße, onde vivia com Lina.



Na maleta de parteira que a mãe lhe havia dado um tempo antes não havia nada a não ser um frasquinho de álcool, uma vasilha para clisteres e as bacias esmaltadas, que as correias de couro mantinham presas no fundo. Em todo caso, ela teria ficado envergonhada com a falta de conhecimento, mesmo de posse do equipamento completo. O dia seguinte era 1º de abril, começo de sua nova vida. Käthe sentia-se muito nervosa, por isso tentava ingerir bastante açúcar para acalmar os nervos.

Henny tinha gostado de Rudi. Conhecera-o no dia anterior, por fim. Convidara-as – Käthe e ela – para tomar um chocolate no café Vaterland.* O chocolate, na realidade, não passava de uma bebida marrom doce e quente, mas os poemas de Heine que Rudi leu para elas eram excelentes. Ela recitou os últimos versos de “Suavemente atravessa a minha alma” com ele, algo que o fez sorrir e que fez Käthe franzir a testa.

*“E quando vires uma rosa,
cumprimenta-a por mim.”*

Antes de a guerra ser declarada, ela ia com o pai a esse café, que, na época, ainda se chamava Belvedere. Quando tudo começou, o dono não perdeu tempo e trocou a palavra estrangeira por outra alemã; a alusão à pátria era onipresente. No entanto, os hamburqueses não permitiram que lhes roubassem tudo – inclusive Else continuava a dizer *trottoir*, em francês, não *passeio*.

* Em alemão, “pátria”. (N. T.)

Não se apaixonar por Rudi era questão de honra. Até o momento, Henny não tinha gostado de nenhum outro homem, exceto, por breves instantes, de um jovem do hospital militar que, uma vez restabelecido, voltaram a enviar para a frente e de cujo destino ela nada sabia.

Um homem que lia poesia. Nem seu pai fazia isso. Enquanto percorria a Finkenaustraße como se estivesse perdida, Henny recebeu pensar demais no namorado da melhor amiga.



— Está pensando em levar isso amanhã? — perguntou Karl Laboe.
— Não temos nada melhor que essa relíquia?

Käthe levantou o velho saco de pano da mãe e o observou.

— Está deformado por causa da quantidade de nabos e repolhos que sua mãe colocou aí dentro.

Käthe ficou boquiaberta: o pai estava preocupado com a imagem que a filha transmitiria no primeiro dia na Finkenau?

— Pelo menos dá para fechá-lo.

— Vou ver se encontro coisa melhor. — Karl Laboe se levantou e saiu mancando da cozinha. Käthe o ouviu abrir gavetas no quarto. Quando voltou, segurava diante do peito sua velha pasta como se fosse um escudo. — Ia com isto todos os dias de madrugada para o estaleiro — disse, com a voz embargada.

— Eu sei, papai. — Käthe olhou para o pai quase com carinho.

Na pasta de couro marrom não levava muito mais que sanduíches. No entanto, algo a comoveu profundamente.

— Está um pouco gasta, mas deixa comigo. Só preciso lustrar as partes arranhadas com graxa de sapatos, coisa que ainda tenho.

Será que a mãe tinha falado com ele? Será que dissera para ele a encorajar? Que, uma vez que era a única filha que sobrevivera à difteria, deviam dedicar-lhe todos os cuidados que pudessem?

O pai começou a procurar no baú em que guardava os utensílios de calçados. Era provável que pairassem no ar muitos sentimentos.

Ela fora a primeira a adoecer. Tinha dez anos, e os irmãos, seis e quatro. Eles não foram os únicos do bairro que morreram de difteria, mas a sensação de culpa pela morte dos pequenos nunca abandonara Käthe, uma vez que tinha sido ela a levar a doença para o seio da família. Será que o pai pensava o mesmo? Será que ele guardava rancor por ter sido ela a mais forte? Karl Laboe ainda chorava a perda desses filhos que havia esperado durante tanto tempo e muitas vezes mostrava-se rude em sua dor.

— Olha, Käthe, como está ficando lustrosa.

Karl Laboe soprou na pasta e continuou a esfregar com o pano que havia tirado do baú e que ainda conservava graxa de dias passados.

A pasta não era nenhuma peça magnífica, tampouco havia sido quando a tinham comprado, muitos anos antes, mas Käthe a recebeu como se fosse um tesouro: uma declaração de amor do pai.

Else Godhusen estava de mau humor. Passara o dia anterior inteiro, domingo, o dia do Senhor, ao tanque lavando roupa, porque não tinha lembrado mais cedo que Henny devia levar o uniforme no primeiro dia na Finkenau.

Voltou a ficar salpicada de cloro quando a água do balde esquentou e a roupa pressionou a tampa. Nem com a colher de pau conseguiu evitar a vermelhidão nas mãos nos pontos em que havia espirrado, e agora a filha não queria vestir o uniforme de enfermeira recém-engomado.

— Pelo menos o avental branco — pediu Else. — E a blusa. Não precisa pôr a touca.

— Vou com roupas normais — afirmou Henny. — As outras moças também não vão de uniforme. Se a senhora faz tanta questão, posso levar o avental na maleta.

A mãe era de outra opinião. Afinal, era sempre bom a pessoa destacar-se logo desde o princípio. Era importante que o professor e os

médicos reparassem em sua filha e notassem que era do ramo. Henny ergueu as sobrancelhas quando a mãe apresentou esse argumento.

— Quando age assim, parece mesmo seu pai — censurou-a Else.

A garota sorriu. Recordou-se do pai erguendo as sobrancelhas, reagindo com irritação a alguma atitude de soberba da mulher, mas sempre com carinho.

Idealizava o pai? Talvez aquele que já não estava presente tivesse mais probabilidades de ser objeto de um amor incondicional. Talvez sempre tivesse sido mais menina do pai.

— Você vai buscar Käthe ou ela vem encontrar você aqui?

— Vou buscá-la.

— Gostaria de ver como ela vai se arrumar. Bom, é provável que o faça como se deve — observou Else Godhusen, que, depois da decepção anterior, pelo menos teve a sensação de proferir a última palavra.

Ida considerou partir antes do Dia da Mentira porque o pai não só não parava de falar de Campmann como intercalava em seu discurso a expressão “*compromisso matrimonial*”. Se só em agosto completaria dezoito anos, por que toda aquela pressa? Certamente não tardariam a realizar bailes em que poderia exhibir-se, e Campmann não seria o único a pedir sua mão. O pai agia como se fosse urgente arranjar-lhe um marido.

Com certeza, a estúpida Mia não tinha essa preocupação. Imóvel e sem fazer barulho, plantada no alto da grande escadaria, Ida observava a criada, que colocava tulipas nos vasos lá embaixo, no saguão de entrada. Parecia a filha de açougueiro que era, com o rosto sempre corado.

Ida debruçou-se sobre o corrimão. Naquele momento, lá embaixo, havia algo além de tulipas e vasos. Agora Mia tinha uma garrafa em mãos, vai saber onde teria conseguido. Levou-a aos lábios.

Seu primeiro impulso foi chamá-la, como se tivesse a obrigação de avisá-la de alguma coisa. Contudo, Ida não disse nada. Mia

bebia lá embaixo, e ela via lá de cima. O que *maman* sempre dizia? “Quem sabe se possa tirar daí algum proveito.” Depois de contemplar a cena, Ida pegou o lenço da manga do vestido de seda. O lenço também era de excelente qualidade e tinha as suas iniciais: I. B.

Largou-o, e o lenço caiu lentamente no saguão, aos pés da criada. Quando Mia levantou a cabeça, não viu a menina, mas não teve dúvidas de quem era a dona do lenço e compreendeu que a mensagem era uma verdadeira ameaça.



Era isso a felicidade, pensou Rudi naquele instante. De mãos dadas com Käthe, o tímido verde das árvores, o céu azul. *Gravá-lo na memória*, pensou, *eternidade*. Por que seus pais não haviam se casado? Não se amavam o suficiente?

— Quer se casar comigo, Käthe?

Ela soltou a mão e parou.

— Que grande tolice, Rudi. Antes tenho de terminar o curso na Finkenau. Tolicie, tolice das boas. Além disso, achei que você fosse revolucionário. Não precisamos nos casar.

— Vejo que você gosta da palavra *tolice*.

— Gosto de você, mas pode tratar de esquecer essa ideia de casamento.

Rudi quase perguntou por quê, mas não o fez. Talvez sua própria história familiar fosse a razão para se mostrar tão insistente.

— Não tem nada a ver com o fato de você ter lançado esse sorriso doce à Henny só porque ela sabia de cor um poema.

— Você está com ciúme, Käthe. Que sentimento revolucionário é esse? — Rudi sorriu, grato por sua nobre pretensão não ter continuado a macular o momento. Talvez, de fato, fosse muito cedo.

— Vamos nos sentar naquele banco ali — propôs Käthe.

De manhã, seu pai com a pasta; à tarde, uma proposta de casamento. Agora, para fechar com chave de ouro, Rudi colheu uma florzinha que crescia em meio ao mato, junto ao banco, e ofereceu a ela.